

3 3

APRENDA A  
*Fazer*

Rosana Moraes Weg

**O LIVRO**

Este volume é parte da *Coleção Aprenda a Fazer* que tem o objetivo de apresentar, a estudantes-pesquisadores, uma orientação sistematizada de técnicas de compreensão de textos científicos e de elaboração de textos auxiliares para a pesquisa acadêmica.

O fato de ser uma das técnicas utilizadas nas fases iniciais da pesquisa acadêmica confere ao fichamento importância fundamental. A eficiência em sua elaboração é requisito para o desenvolvimento de estudos posteriores.

**A AUTORA**

ROSANA MORAIS WEG, professora de Língua Portuguesa e Literatura, é formada em Letras pela Universidade de São Paulo. Defendeu Mestrado e Doutorado em Literatura Brasileira, na mesma universidade, com pesquisa sobre a obra do escritor brasileiro Aníbal Machado.

Ínciou sua carreira no ensino público de São Paulo. Nos anos 80 trabalhou em Moçambique como professora em cursos de formação de professores.

Atualmente é professora universitária em cursos de Comunicação Social.

ROSANA MORAIS WEG

FICHAMENTO

# FICHAMENTO

ISBN 859982907-6



9798599829072

Paulistana

**FICHAMENTO**

Rosana Morais Weg

# FICHAMENTO

*Paulistana*  
~ Editora ~  
São Paulo 2006

Copyright© 2006 by Rosana Morais Weg

Editora responsável  
Adélia M. Mariano Ferreira

Capa e diagramação  
Alpha Design

1ª reimpressão: agosto de 2007

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Weg, Rosana Morais  
Fichamento / Rosana Morais Weg . -- São Paulo :  
Paulistana Editora, 2006. -- (Coleção aprenda a  
fazer)

Bibliografia.  
ISBN 85-99829-07-6

1. Fichamento 2. Pesquisa 3. Redação de trabalhos  
de pesquisa I. Título.

---

06-7835

CDD-808.066

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Fichamento : Pesquisa acadêmica :  
Redação 808.066

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por  
qualquer processo eletrônico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia,  
xerocópia ou gravação, sem autorização prévia e escrita da Editora.

Todos os direitos desta edição reservados à

**Paulistana**  
~ Editora ~

Editora Paulistana Ltda.  
www.editorapaulistana.com.br  
[2006]

## Apresentação da Coleção

A *Coleção Aprenda a Fazer* foi criada por professores universitários com intuito de dirimir dificuldades encontradas pelos alunos de graduação quando solicitados a produzir textos científicos e/ou acadêmicos, tais como: resumos, resenhas, fichamentos, relatórios, projetos de pesquisa e monografias. Tais gêneros textuais são instrumentos muito utilizados na pesquisa acadêmica e, portanto, são essenciais para o bom desempenho intelectual do estudante na vida universitária.

A necessidade de orientação sistematizada e simplificada desses gêneros textuais foi detectada pelos professores e levou-os a produzir este material didático pautado na objetividade e nas questões práticas de elaboração de textos científicos, considerando-se também a realidade sócio-econômica dos alunos e a dificuldade na aquisição de obras acadêmicas.

Dessa forma, esperamos que a *Coleção Aprenda a Fazer* seja uma ferramenta útil para todos aqueles que buscam um aprendizado efetivo no mundo universitário.

Boa leitura e boa prática!

*A Editora*

## Apresentação deste Volume

*Ler em voz alta, ler em silêncio, ser capaz de carregar na mente bibliotecas íntimas de palavras lembradas são aptidões espantosas que adquirimos por meios incertos. Todavia, antes que essas aptidões possam ser adquiridas, o leitor precisa aprender a capacidade básica de reconhecer os signos comuns pelos quais uma sociedade escolheu comunicar-se: em outras palavras, o leitor precisa aprender a ler.*

Alberto Manguel<sup>1</sup>

Este volume é parte da *Coleção Aprenda a Fazer* que tem o objetivo de apresentar, a estudantes-pesquisadores, uma orientação sistematizada de técnicas de *compreensão* de textos científicos e de *elaboração* de textos auxiliares para a pesquisa acadêmica.

---

<sup>1</sup> 1997, p. 85.

Iniciamos o volume com a discussão do *conceito* de fichamento e as várias definições do termo. O *fichamento* insere-se no conjunto de gêneros textuais como instrumento de *decodificação* de textos de estudo e *registro organizado* de informações provenientes de uma leitura atenta do material pesquisado.

Uma das questões apresentadas neste volume é a da nomenclatura aplicada a este processo redacional. Muitas vezes, os termos *fichamento* e *esquema* passam a expressar um mesmo procedimento: a elaboração de um texto organizado com o fim de decodificar e compreender outro texto em estudo. A bibliografia sobre o assunto não é vasta e, na maior parte do material localizado, *fichas* e *fichamento* estão relacionados aos métodos de pesquisa anteriores ao desenvolvimento das técnicas eletrônicas.

Apresentamos os *objetivos* mais freqüentes de um fichamento e as dificuldades na sua elaboração. Uma delas é que não se trata de um tipo de texto solicitado por professores como forma de avaliação do fichamento em si, mas com o propósito de verificação de leitura de um outro texto indicado.

Também não é elaborado com o propósito de ser apresentado em situações de avaliação como bancas de exames de qualificação, relatórios de pesquisa, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses acadêmicas, como pode ocorrer com resumos e resenhas (ver volumes específicos desta coleção<sup>2</sup>).

O pesquisador é, portanto, *autor* e *leitor* de seu fichamento. A dificuldade consiste em ser, também, o crítico de seu próprio texto.

O fato de ser uma das técnicas utilizadas nas fases iniciais da pesquisa acadêmica confere ao fichamento importância fundamental. A eficiência em sua elaboração é requisito para o desenvolvimento de estudos posteriores.

<sup>2</sup> Cf. LEITE, M. Q. *Resumo*. 2006.  
Cf. ANDRADE, M. L. C. V. O. *Resenha*. 2006.

Em vista do exposto, apresentamos neste volume:

- Cap. 1: *definições* de fichamento, com suas adequações temporais, e requisitos para sua elaboração;
- Cap. 2: suas *finalidades* no âmbito acadêmico;
- Cap. 3: principais *etapas* do processo de fichamento e *estratégias* de coleta, organização e registro de dados aplicadas a textos acadêmico-científicos; as várias *modalidades* dessa técnica auxiliar de pesquisa;
- Cap. 4: propostas para a *elaboração* de fichamentos (modelos);
- Cap. 5: *exercícios*;
- Cap. 6: *bibliografia* básica sobre fichamento.

A Autora

# Sumário

|   |    |
|---|----|
| 1 O QUE É FICHAMENTO? .....                               | 13 |
| 1.1 CARACTERIZAÇÃO E NOMENCLATURA .....                   | 13 |
| 1.2 REQUISITOS PARA UM FICHAMENTO .....                   | 14 |
| 1.2.1 Fichas: formato e finalidade .....                  | 15 |
| 1.2.2 Fichários .....                                     | 15 |
| 1.3 ESQUEMA E FICHAMENTO .....                            | 16 |
| 2 PARA QUE SERVE O FICHAMENTO? .....                      | 19 |
| 2.1 FINALIDADE PRINCIPAL .....                            | 20 |
| 2.2 FINALIDADES COMPLEMENTARES .....                      | 20 |
| 3 O PROCESSO DE FICHAMENTO: ETAPAS E<br>ESTRATÉGIAS ..... | 23 |
| 3.1 PRÉ-FICHAMENTO .....                                  | 24 |
| 3.2 FICHAMENTO .....                                      | 28 |
| 3.3 PÓS-FICHAMENTO .....                                  | 41 |
| 4 MODELOS DE FICHAMENTO .....                             | 43 |
| 5 FAÇA SEU FICHAMENTO .....                               | 59 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....                          | 65 |

# 1 O QUE É FICHAMENTO?

## I.1 CARACTERIZAÇÃO E NOMENCLATURA

*Fichamento* é uma forma organizada de registrar as *informações* obtidas na leitura de um texto.<sup>3</sup>

*Fichar* é o ato de *selecionar, organizar e registrar informações*, a partir da leitura do texto-fonte, de forma a constituir uma documentação que:

- atenda aos *objetivos* do leitor ao fazer a leitura;
- remeta ao *texto-base*;
- possa ser *consultada* posteriormente;
- aponte para a elaboração de um *texto posterior*.

<sup>3</sup> A partir daqui com as seguintes denominações: texto-fonte; texto-base ou texto de origem.

Fazer um fichamento é, portanto, a partir do texto-base, elaborar um segundo texto, organizado de tal forma que possa servir de material de consulta para a elaboração de um terceiro. Este terceiro texto pode ser escrito (trabalho de conclusão de curso, dissertação, tese) ou oral (aula, defesa de monografia, palestra etc.).

Além do propósito de elaborar um terceiro texto, quem ficha pode, simplesmente, utilizar o fichamento como meio de sistematizar seus próprios estudos. Pode ser uma maneira de, organizadamente, ampliar seus conhecimentos a respeito de determinado assunto.

## 1.2 REQUISITOS PARA UM FICHAMENTO

Antes de iniciar um fichamento, o estudante-pesquisador deve verificar se algumas necessidades preliminares estão supridas:

- ter um *projeto próprio* que justifique a leitura e o fichamento do texto-base: acréscimo de conhecimentos, preparação de uma comunicação oral ou escrita, estudo para uma avaliação, redação de um trabalho científico-acadêmico;
- dispor de *material* para *consulta* das informações (texto-fonte): texto condizente com os objetivos do leitor, pois neste estágio já se faz presente a capacidade de seleção. Exemplo: livro completo, partes de livros, periódicos, artigos etc.
- dispor de *material auxiliar* para a compreensão do texto-fonte: dicionário de sinônimos, dicionários especializados, gramáticas ou outro tipo de manual apropriado ao tema da pesquisa;
- dispor de *material* para *registro* das informações: **fichas** (também chamadas de verbetes, catálogos, formulários, relatórios de leitura), em tamanho reduzido, mas com formatos diferentes, a escolher.

### 1.2.1 FICHAS: FORMATO E FINALIDADE

A escolha do tipo de ficha é pessoal. Deve-se levar em conta a praticidade de mobilização (transporte), de consulta (rápida, em casa, em outro local de trabalho) e de registro (tamanho, formato) do material.

Quanto ao *formato*, as fichas mais utilizadas são:

- **fichas tradicionais:** em papel-cartão, pautadas ou não;
- **fichas em folhas avulsas:** desde que possam ser inseridas ou mudadas de posição em algum arquivo classificatório;
- **fichas eletrônicas:** produzidas para constar do arquivo de documentos do microcomputador do leitor.

Quanto à *finalidade*, as fichas podem ser agrupadas em dois tipos:

- **informativas:** indicativas de tema, autor, localização nos arquivos. Servem para *situar* o leitor. São elaboradas por profissionais de bibliotecas e acessíveis ao público pesquisador. São exemplos as fichas bibliográficas, as fichas temáticas, as fichas por autores, as fichas de citações;
- **de leitura (de documentação):** remetem o leitor ao *conteúdo* do texto-fonte. São elaboradas pelo próprio pesquisador para utilização futura.<sup>4</sup>

### 1.2.2 FICHÁRIOS

Denomina-se *fichário* ao conjunto de fichas relativas ao tema em estudo.

As fichas podem ser armazenadas em caixas, arquivos com gavetas, fichários eletrônicos, fichários classificatórios do gênero das pastas A-Z, fichários escolares ou, simplesmente, em maços de fichas seguras por um elástico.

<sup>4</sup> Ver, neste volume, Cap. 3: "O processo de fichamento" (3.2: 2ª etapa: "fichamento").

*Cadernos* não são apropriados, pois não permitem inserção de novas fichas nem mudança na ordem das fichas já arquivadas.

### 1.3 ESQUEMA E FICHAMENTO

Quando o procedimento de registro de anotações é realizado *antes* da leitura de um texto, como preparação para uma apresentação escrita ou oral, é denominado *esquema*. É, portanto, texto original, não resultante de outro, mas preparatório para outro. É plano de trabalho.

O *esquema* é uma forma de registro de anotações por itens, que pode incluir signos não-verbais como setas, chaves, numeração classificatória. Uma das estratégias para elaborar um esquema é identificar as *frases-resumo*, ou seja, enunciados que expressem a idéia principal de um parágrafo do texto lido.<sup>5</sup>

Quando o esquema (registro por itens) é realizado após (a partir de) a leitura de um texto, é uma modalidade de *fichamento*, mesmo que em tópicos, pois atende aos requisitos básicos desse tipo de registro de dados.

<sup>5</sup> Cf. OLIVEIRA e outros, 1981, p. 44.

### RESUMO: O QUE É FICHAMENTO?

|                 |   |
|-----------------|---|
| O processo      | <ul style="list-style-type: none"> <li>- definição do objetivo do fichamento (da leitura do pesquisador);</li> <li>- seleção do texto a ser fichado;</li> <li>- leitura e seleção de informações essenciais do texto lido;</li> <li>- registro organizado das informações destacadas.</li> </ul>  |
| Pressupostos    | <p>capacidade de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>decodificação</b> (leitura e compreensão) de um texto-fonte: texto 1;</li> <li>- <b>codificação</b> (redação de um texto próprio <i>a partir do primeiro</i>: ficha): texto 2;</li> <li>- <b>perspectiva</b> de elaboração de um <i>novo texto</i>, produzido por quem ficha, previsto no projeto do leitor: texto 3.</li> </ul>  |
| Material        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- texto-fonte</li> <li>- material auxiliar de consulta</li> <li>- material de registro</li> </ul>  |
| Características | <ul style="list-style-type: none"> <li>- não é resultado final de uma pesquisa: é resultado parcial;</li> <li>- é texto didático, de consulta;</li> <li>- não é texto criativo, ficcional, original: constitui-se a partir de outro texto;</li> <li>- pode conter comentários do leitor;</li> <li>- é <i>transitivo</i>, pois deve fazer o leitor transitar entre o texto lido e o consultado e fazer o elo entre o texto lido e o texto final do projeto, a ser produzido;</li> <li>- leitor (do 1º texto) e autor (dos 2º e 3º textos) geralmente são a mesma pessoa: produtor e crítico ao mesmo tempo;</li> <li>- deve provocar reflexão, crítica sobre o tema em estudo;</li> <li>- deve provocar atitudes de relacionamento entre idéias internas do texto-fonte e as idéias externas ao texto (arcabouço cultural do leitor).</li> </ul> |

## 2 PARA QUE SERVE O FICHAMENTO?

Antes de iniciar seu fichamento, o leitor deve se perguntar:  
— *Para que vou fichar este texto?*

Em primeiro lugar, apontamos os objetivos que *não* justificam o fichamento de um texto:

- pelo acúmulo de informações sem utilização posterior: é perda de tempo;
- para armazenar em arquivo idéias alheias que não contribuam para a formalização de idéias próprias.

Othon Garcia (2001:350) refere-se ao hábito de fazer fichas, criticado por alguns autores:

A censura não se dirige, portanto, à acumulação de fichas mas à falta de propósito delas. Toma-se nota para algum fim,

imediatamente ou remoto. Muitas notas tomadas hoje ficam esquecidas no fichário *toute sa vie*; mas outras nos vão servir quando menos esperamos.

## 2.1 FINALIDADE PRINCIPAL

A finalidade principal de um fichamento deve ser a de apresentar anotações que sirvam como material organizado para consulta. O fichamento é fonte para estudos posteriores.

ouvir aulas [...] ler livros clássicos e célebres. Isso só tem algum valor à medida que se traduzir em **documentação pessoal** [...].<sup>6</sup>

## 2.2 FINALIDADES COMPLEMENTARES

Além da finalidade principal citada, outras finalidades devem estar presentes. O fichamento deve:

- *traduzir* informações de outro texto de forma mais simplificada e adequada ao projeto do leitor: o conhecimento adquirido por meio da leitura se transforma em *documento*;
- *elucidar* tópicos de temas de interesse abordados no texto-base;
- *auxiliar* na compreensão do texto;
- *proporcionar*:
  - a *memorização* de dados relevantes;
  - a *reflexão* sobre as informações lidas;
  - a *relação* entre as idéias internas do texto-base;
  - a *conexão* entre as idéias do texto-base e as do projeto de quem ficha o texto.

<sup>6</sup> SEVERINO, 2002, p. 36-7. O grifo é nosso.

“as anotações permitem que se disponha de uma **informação utilizável**, pois foi convencionada para isso.”<sup>7</sup>

## RESUMO: PARA QUE SERVE O FICHAMENTO?

- para *ELUCIDAR* textos lidos
- para *TRANSMITIR* informações (sucintamente)
- para *PROVOCAR* reflexão
- para *AUXILIAR* na produção de outros textos
- para *PRESERVAR* documentação

<sup>7</sup> HOFFBECK e WALTER, 1991, p. 11. O grifo é nosso.

# 3

## O PROCESSO DE FICHAMENTO: ETAPAS E ESTRATÉGIAS

Muitos pesquisadores tendem a iniciar o fichamento durante a primeira leitura do texto-fonte. O resultado não é satisfatório visto que as idéias podem se apresentar como fragmentadas e sem conexão umas com as outras.

Para elaborar um bom fichamento é necessário visualizar antes o conteúdo global do texto lido para depois organizar e registrar cuidadosamente as informações de interesse para a pesquisa.

Um procedimento apropriado é desenvolver o fichamento em etapas, como as que apresentamos a seguir.

**1ª etapa:** pré-fichamento (contato inicial com o texto-fonte)

**2ª etapa:** fichamento (organização e registro das informações)

**3ª etapa:** pós-fichamento (verificação dos dados registrados)

Para cada uma das etapas, algumas estratégias fundamentais são propostas.

### 3.1 1ª ETAPA: PRÉ-FICHAMENTO (CONTATO INICIAL COM O TEXTO-FONTE)

Ao primeiro contato com um texto qualquer, por mais simples que ele pareça, normalmente o leitor se defronta com a dificuldade de encontrar unidade por trás de tantos significados que ocorrem na sua superfície. (FIORIN e SAVIOLI, 1990:35)

#### 1. Leitura corrida geral, sem anotações.

A importância dessa leitura inicial está expressa na citação acima. Além de proporcionar uma idéia global do texto, ela permite o primeiro contato com alguns aspectos da obra como tema tratado, seus aspectos estruturais e estilo do autor. Nesse momento, pode ser possível também verificar, ainda que precariamente, se o texto-fonte faz parte do universo da pesquisa do leitor.

#### 2. Pesquisa do vocabulário desconhecido.

Este é o momento de resolver as dúvidas ou incertezas relativas ao vocabulário empregado e aos conceitos introduzidos no texto lido. Em textos mais técnicos ou especializados, muitas vezes um termo ganha uma conotação que escapa ao senso comum. O não entendimento do emprego de expressões vocabulares pode provocar distorções na compreensão do texto.

#### 3. Leitura com pausas, com trechos sublinhados e anotações à margem do texto.

Esta leitura é mais cuidadosa porque prevê já uma primeira *seleção* de idéias a serem provavelmente destacadas no fichamento. Frequentemente, provoca no leitor algumas associações mentais que poderão ficar esquecidas se não forem apontadas na hora.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Cf. SERAFINI, s/d, p. 54-60.

*Sublinhar* é isolar no texto um número reduzido de frases ou expressões que melhor sintetizam as informações lidas.

*Fazer anotações à margem do texto* também pode ser de grande valia, não só como instrumento para lembrar o leitor de determinadas idéias veiculadas, mas também como material na confecção de seu fichamento.

Estes dois procedimentos (sublinhar e fazer anotações à margem do texto) só são possíveis se o texto-fonte consultado for de propriedade do leitor ou se houver autorização do proprietário para isso.

O problema que se apresenta nesse estágio da leitura é o que colocar em destaque — o que *sublinhar* e o que *anotar* no próprio texto.

Nessa leitura, o leitor deve atender às provocações do texto, pois o intuito ainda não é organizar idéias destacadas ou registrá-las em fichas. No entanto, nesta primeira fase de seleção de idéias, alguns passos devem ser evitados e outros perseguidos, como:

- lembrar que sublinhar implica redução de texto e não transcrição total; portanto, o número de frases ou expressões destacadas deve ser reduzido;
- destacar a idéia que mais lhe chamou a atenção, seja porque lhe parece interessante, seja porque pode vir a ter alguma relação com seu projeto (em momento posterior — o do fichamento —, isso pode se confirmar ou não);
- evitar sublinhar idéias repetidas;
- sublinhar trechos que representem uma idéia central, sem termos acessórios — alguns advérbios, por exemplo, podem ser dispensados;
- exemplos, casos, enumerações devem ser evitados, visto que provavelmente estão no texto para elucidar ou reafirmar alguma idéia que já foi sublinhada.

Eventualmente, sublinhar a idéia principal de um parágrafo pode não produzir um resultado muito claro. Nesse caso,

o leitor anota sinteticamente, ao lado do trecho lido, o que entendeu ou o que pretende lembrar quando reler o texto.

É preciso, no entanto, saber que não se trata de resumir o texto ou partes dele, mas sim isolar nele o que lhe parece significativo para uma leitura posterior.

**Texto sublinhado:** “Argumentar, convencer e persuadir”, capítulo de *A arte de argumentar* (ABREU, 2004:25-26.)<sup>9</sup>

Este texto tem um caráter didático. Assim, há explicações e repetições de idéias com o intuito de reforçá-las e destacá-las para o leitor. A partir dessa percepção, não é necessário sublinhar repetidamente essas idéias salientadas pelo autor. Transcrevemos o capítulo original na coluna à esquerda. Nossos comentários estão na coluna à direita. Os destaques em letras maiúsculas são do autor.

|   |   |
|---|---|
| <p><u>“ARGUMENTAR é a arte de <b>convencer e persuadir</b>. <b>CONVENCER</b> é saber gerenciar informação, é <b>falar à razão do outro</b>, demonstrando, provando. Etimologicamente, significa VENCER JUNTO COM O OUTRO (com + vencer) e não CONTRA o outro. <b>PERSUADIR</b> é saber gerenciar relação, é <b>falar à emoção do outro</b>. A origem dessa palavra está ligada à preposição PER, ‘por meio de’ e a SUADA, deusa romana da persuasão. Significava ‘fazer algo por meio do auxílio divino’. Mas em que CONVENCER se diferencia de PERSUADIR? <b>Convencer é construir algo no campo das idéias</b>. Quando convencemos alguém, esse</u></p> | <p><i>Neste parágrafo inicial, o conceito de argumentar é definido pela composição de duas características: convencer e persuadir. Basta identificá-las uma única vez, sem muitos detalhes.</i></p> |
|---|---|

<sup>9</sup> Os destaques em letras maiúsculas são do autor.

alguém passa a pensar como nós. Persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir. Quando persuadimos alguém, esse **alguém realiza algo que desejamos que ele realize**.

Muitas vezes, conseguimos convencer as pessoas, mas não conseguimos persuadi-las. Podemos convencer um filho de que o estudo é importante e, apesar disso, ele continuar negligenciando suas tarefas escolares. Podemos convencer um fumante de que o cigarro faz mal à saúde, e, apesar disso, ele continuar fumando. Algumas vezes, uma pessoa já está persuadida a fazer alguma coisa e precisa apenas ser convencida. Precisa de um empurrãozinho racional de sua própria consciência ou da de outra pessoa, para fazer o que deseja. É o caso de um amigo que quer comprar um carro de luxo, tem dinheiro para isso, mas hesita em fazê-lo, por achar mera vaidade. Precisamos apenas dar-lhe uma ‘boa razão’ para que ele faça o negócio. Às vezes, uma pessoa pode ser persuadida a fazer alguma coisa, sem estar convencida. É o caso de alguém que consulta uma cartomante ou vai a um curandeiro, apesar de, racionalmente, não acreditar em nada disso.

ARGUMENTAR É, POIS, EM ÚLTIMA ANÁLISE, A ARTE DE, GERENCIANDO INFORMAÇÃO, CONVENCER O OUTRO DE ALGUMA COISA NO

*Neste segundo parágrafo, destacamos a informação nova, a de que nem sempre as duas características da argumentação estão presentes ao mesmo tempo. Dispensamos os exemplos e ilustrações a respeito desta idéia.*

*Neste último parágrafo, o autor faz um resumo dos parágrafos anteriores. Não é neces-*

PLANO DAS IDÉIAS E DE, GERENCIANDO RELAÇÃO, PERSUADI-LO, NO PLANO DAS EMOÇÕES, A FAZER ALGUMA COISA QUE NÓS DESEJAMOS QUE ELE FAÇA.”

*sário sublinhar nada. Mas, se o fizéssemos, perceberíamos que as expressões sublinhadas seriam as mesmas dos parágrafos anteriores.*

### 3.2 2ª ETAPA: FICHAMENTO

(ORGANIZAÇÃO E REGISTRO DAS INFORMAÇÕES)

#### 1. Releitura do texto com o objetivo de elaborar a ficha de leitura.

Esta leitura é mais orientada. Já foram resolvidos os problemas de vocabulário, o leitor já tem uma idéia geral do texto, destacou algumas informações no próprio texto e está convencido de que o fichamento será útil para o desenvolvimento de seu projeto. *Esta leitura é acompanhada do registro de dados nas fichas.*

#### 2. Registro das informações nas fichas.

É preciso saber *o que registrar* nas fichas, de que *forma* esse registro pode ser feito e quais os *passos* a serem seguidos no *processo* do fichamento.

#### O que registrar:

As propostas de composição da ficha leitura variam pouco de autor para autor. A disposição das informações nas referidas fichas também apresenta pequenas variações de acordo com cada autor.

Seguem alguns exemplos:

Eco (2005:96-97): indicações bibliográficas precisas, informações sobre o autor, resumo do livro ou do artigo, citações, comentários pessoais e sigla ou cor como elo com o plano de trabalho.

Hühne (2002:47): indicação bibliográfica, síntese das idéias principais e comentário ou crítica.

Medeiros (1999:100): cabeçalho, referência bibliográfica, corpo da ficha e local onde se encontra a obra.

O pesquisador perceberá quais são as informações mais convenientes para sua pesquisa.

Apesar das pequenas diferenças detectadas na bibliografia consultada, é possível apontar alguns elementos essenciais da *ficha de leitura* para que ela se constitua em material de documentação:

- *referência bibliográfica* (dados de referência da obra, no campo próprio da ficha, segundo as normas da ABNT. Os dados normalmente estão na capa ou na contracapa e constam da ficha catalográfica do volume).
- *tema* (mensagem essencial) do autor
- *informações essenciais* (conteúdo)
- *comentários*
- *observações e/ou anotações* complementares
- *numeração* das fichas (opcional)

Cabe destacar o tópico *informações essenciais* (ou conteúdo), conhecido como o *corpo* da ficha de leitura.

A identificação das idéias essenciais a constarem da ficha pode ter como primeiro passo a consulta ao que foi anteriormente sublinhado ou destacado por anotações no texto-fonte.

Encontramos essas idéias *essenciais* identificadas sob diferentes nomes na bibliografia sobre estudo de textos como tópicos frasais<sup>10</sup> e frases-resumo<sup>11</sup>. São também conhecidas como idéias-síntese, idéias-núcleo, frases-chave, frases-síntese. Como vemos, podem ser um termo, uma expressão ou mesmo uma frase.

<sup>10</sup> Cf. GARCIA, 2001, p. 473.

<sup>11</sup> Cf. OLIVEIRA e outros, 1980, p.50.

A idéia *essencial* de um parágrafo revela a mensagem principal em torno da qual se agregam outras idéias complementares, as acessórias.

Esse processo de seleção de partes do texto-base é feito pela *supressão* das informações acessórias — como exemplos, ilustrações, repetições — e da *construção* da ficha de leitura a partir das idéias *essenciais* identificadas.

O fato de em determinados momentos ser necessário fazer a *transcrição* de excertos do texto lido (um parágrafo, por exemplo) não exclui a fase da supressão. Isso porque destacar um dentre muitos parágrafos significa que ele é relevante para a pesquisa em curso.

No entanto, é mais comum a identificação de expressões ou frases-síntese para fins de registro em forma de resumo<sup>12</sup> ou na elaboração de fichas por itens.

Esse mecanismo de isolar idéias principais de um parágrafo já foi utilizado ao sublinharmos um texto no início deste capítulo.<sup>13</sup>

#### Formas de registrar:

O registro de informações e comentários pode ser feito sob diversas formas. Deve-se levar em consideração a estrutura do texto, a organização do leitor e o resultado que aponte para a maior clareza do texto lido. As formas mais comuns de registro são:

a) Por **enunciados verbais**, organizados em forma de parágrafos, de acordo com o modelo *sujeito-predicado*. Os apontamentos são feitos por meio de frases verbais, em transcrições, resumos ou comentários nas fichas de leitura.

<sup>12</sup> Cf. LEITE, 2006, p. 16.

<sup>13</sup> Ver neste volume, Cap. 3; 3.1 (1ª etapa: "pré-fichamento").

#### Texto transcrito através de enunciados verbais:

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *O livro de ouro do universo*. "Para onde vão os neutrinos solares?". Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. (p. 146-149)

"A geração da energia solar tem origem nas reações termonucleares, quando no seu interior dois átomos de hidrogênio se convertem em um de hélio, com a liberação de energia. A principal fonte de informação sobre o Sol, durante vários séculos, foi a sua emissão luminosa. Além dos fótons, — corpúsculos de luz —, as reações termonucleares liberam também neutrinos, partículas capazes de atravessar as camadas externas do Sol, sem sofrer quaisquer alterações." (p. 146)

#### Texto resumido através de enunciados verbais:

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *O livro de ouro do universo*. "Para onde vão os neutrinos solares?". Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. (p. 146-149)

Na introdução deste capítulo, o autor refere-se às reações termonucleares. Salienta que na emissão luminosa do Sol — uma reação termonuclear — além da liberação de fótons, há a liberação de neutrinos, que são partículas que atravessam as camadas externas do Sol sem sofrer alterações.

b) Por **itens, esquematizados**: registro organizado em forma de tópicos, de acordo com um sistema de numeração de modelos clássicos de itemização.

O fichamento itemizado é semelhante ao esquema<sup>14</sup> ou plano de trabalho<sup>15</sup>. O que os diferencia é que o fichamento

<sup>14</sup> Cf. OLIVEIRA e outros. 1980, p. 45-46.

<sup>15</sup> Cf. SERAFINI, 1996, p. 40.

por itens é feito *a partir de um texto-fonte* e o esquema normalmente é *um plano que antecede a elaboração de um trabalho*. O que os aproxima é a forma de registro por tópicos, mais visual e de mais rápida apreensão das principais idéias registradas.

Algumas características do fichamento por itens são:

- seus componentes são alinhados verticalmente e introduzidos por marcadores diversos;
- apresenta visualmente a estrutura do texto lido;
- as idéias principais destacadas estão na forma de palavras-chave, frases-síntese ou locuções nominais;
- as idéias selecionadas são organizadas hierarquicamente; títulos e subtítulos, divisões e subdivisões são dispostos de forma a que o leitor perceba as relações internas do texto.

#### Exemplos de sistemas de organização por itens:

**Numeração seqüencial:** é o processo mais simples, em que os itens, organizados por algarismos arábicos, estão alinhados à esquerda.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *O livro de ouro do universo*. "Para onde vão os neutrinos solares?" Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. (p. 146-149)

Processo de geração da energia solar:

- 1) origem nas reações termonucleares
- 2) conversão de dois átomos de hidrogênio em um de hélio
- 3) liberação de energia

Partículas liberadas durante a emissão luminosa do Sol (reação termonuclear):

- 1) fótons: corpúsculos de luz;
- 2) neutrinos: partículas que atravessam as camadas externas do sol sem sofrer alterações.

**Numeração progressiva:** os itens, em algarismos arábicos, apresentam uma hierarquia entre as idéias apresentadas. Há também um paralelismo lingüístico entre os itens: são compostos por expressões-síntese iniciadas por termos de mesma classe gramatical.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *O livro de ouro do universo*. "Para onde vão os neutrinos solares?" Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. (p. 146-149)

- |         |  |
|---------|--|
| 1       | Geração da energia solar   |
| 1.1     | Origem: nas reações termonucleares   |
| 1.2     | Processo: conversão de dois átomos de hidrogênio em um de hélio                      |
| 1.3     | Conseqüência: liberação de energia   |
| 2       | Elementos liberados nas reações termonucleares (exemplo da emissão luminosa do Sol): |
| 2.1     | Fótons:  |
| 2.1.1   | corpúsculos de luz   |
| 2.2     | Neutrinos:   |
| 2.2.1   | partículas que atravessam camadas externas do Sol                                    |
| 2.2.1.1 | partículas inalteradas durante a travessia   |

**Combinação de marcadores:** algarismos romanos, algarismos arábicos e letras. Neste caso, os itens também apresentam paralelismo lingüístico em sua construção. A hierarquia entre as idéias selecionadas se faz presente de maneira mais visual pois, além de serem utilizados marcadores diferenciados, há recuos para destacá-los.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *O livro de ouro do universo*. "Para onde vão os neutrinos solares?" Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. (p. 146-149)

- |   |
|---|
| I. Processo de geração da energia solar |
| A) origem nas reações termonucleares    |

- B) conversão de dois átomos de hidrogênio em um de hélio  
 C) liberação de energia
- II. Elementos liberados na emissão luminosa do Sol
- A) fótons:  
 1. corpúsculos de luz
- B) neutrinos:  
 1. partículas que atravessam camadas externas do Sol  
 2. partículas inalteradas durante a travessia

O pesquisador perceberá qual dos sistemas de registro é mais adequado ao seu trabalho. Essas duas estratégias (enunciados verbais e itens) também podem ser combinadas como forma de garantir um registro mais claro e organizado da informação obtida.

#### Como registrar (o processo): modalidades de registro

No capítulo 1,<sup>16</sup> ao tratarmos das fichas quanto às suas finalidades, as classificamos como *fichas informativas* e *fichas de leitura*.

Tratamos aqui prioritariamente das fichas *de leitura*, também chamadas de fichas de *documentação*. São essas as fichas que o leitor prepara para atender aos seus próprios interesses.

Como vimos, as fichas *de leitura* ou *de documentação* são aquelas que remetem o leitor ao *conteúdo* do texto-fonte. Na bibliografia sobre o assunto, recebem variadas denominações, de acordo com as modalidades de registro efetuadas, que podem ser resumidas em:

#### Ficha de transcrição textual (de citação direta):

É assim denominada quando o leitor faz transcrição exata de trechos do texto lido. Muitas vezes, o pesquisador faz uso desse procedimento com o intuito de utilizar o trecho selecionado como citação em seu futuro trabalho.

<sup>16</sup> Ver, neste volume, Cap. 1; 1.2.1 "O que é fichamento?".

Neste caso, devem ser obedecidas as normas da ABNT vigentes<sup>17</sup> com relação à citação de autores em documentos. Nos exemplos a seguir, destacamos algumas dessas normas.

O excerto deve vir entre aspas e, ao final da citação, deve constar a referência de onde foi retirado. Como a obra fichada já está referenciada na própria ficha, basta colocar o número da página e, se necessário, o capítulo ou a parte do livro consultado.

Se houver aspas no interior do texto-fonte, devem ser substituídas por aspas simples. Exemplo: "massa crítica" (original) e 'massa crítica' (transcrição abaixo).

#### Texto fichado: (ficha de transcrição sem cortes)

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. (p. 14-15)

"Por meio da leitura, podemos, pois, realizar o saudável exercício de conhecer as pessoas e as coisas, sem limites no espaço e no tempo. Descobrimos, também, uma outra maneira de transformar o mundo, pela transformação de nossa própria mente. Isso acontece, quando nós adquirimos a capacidade de ver os mesmos panoramas com outros olhos.

Mas, além da ficção, podemos ler também outras obras importantes, como *Casa-Grande e Senzala* de Gilberto Freire ou *A Era dos Extremos - O Breve Século XX*, de Eric Hobsbawm! Vale a pena também ler o livro intitulado *O Mundo de Sofia*, do autor norueguês Jøstein Gaarder. Trata-se de um romance que conta a história da filosofia, emoldurando as lições dentro do cotidiano de uma menina de quinze anos de idade. Enfim, leitura é um programa para uma vida inteira.

<sup>17</sup> NBR-10520:2002 e NBR-6023-2002.

Talvez, no início, você encontre alguma dificuldade, mas, à medida que for lendo, verá que o próximo livro sempre fica mais fácil, pois seu repertório vai ganhando aquilo que os físicos chamam de 'massa crítica' e, a partir daí, você terá condições de fazer uma leitura mais seletiva da mídia, criticar as informações e construir um conhecimento original."

**Texto fichado (ficha de transcrição com supressão de termos):** os termos eliminados são substituídos por [...].

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. (p. 14-15)

"Por meio da leitura, podemos, [...] realizar o [...] exercício de conhecer as pessoas e as coisas, sem limites no espaço e no tempo. Descobrimos, [...] uma outra maneira de transformar o mundo, pela transformação de nossa própria mente. Isso acontece, quando nós adquirimos a capacidade de ver os mesmos panoramas com outros olhos.

Mas, [...], podemos ler também outras obras [...], como *Casa-Grande e Senzala* de Gilberto Freire ou *A Era dos Extremos - O Breve Século XX*, de Eric Hobsbawn! Vale a pena também ler [...] *O Mundo de Sofia*, do autor norueguês Jøstein Gaarder. Trata-se de um romance que conta a história da filosofia, emoldurando as lições dentro do cotidiano de uma menina de quinze anos de idade. Enfim, leitura é um programa para uma vida inteira.

Talvez, no início, você encontre alguma dificuldade, mas, à medida que for lendo, verá que o próximo livro sempre fica mais fácil, pois seu repertório vai ganhando aquilo que os físicos chamam de 'massa crítica' e, a partir daí, você terá condições de fazer uma leitura mais seletiva da mídia, criticar as informações e construir um conhecimento original."

**Texto fichado (ficha de transcrição com supressão de parágrafo intermediário):** o parágrafo eliminado é substituído por uma linha pontilhada.

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. (p. 14-15)

"Por meio da leitura, podemos, [...] realizar o [...] exercício de conhecer as pessoas e as coisas, sem limites no espaço e no tempo. Descobrimos, também, uma outra maneira de transformar o mundo, pela transformação de nossa própria mente. Isso acontece, quando nós adquirimos a capacidade de ver os mesmos panoramas com outros olhos.

.....  
Talvez, no início, você encontre alguma dificuldade, mas, à medida que for lendo, verá que o próximo livro sempre fica mais fácil, pois seu repertório vai ganhando aquilo que os físicos chamam de 'massa crítica' e, a partir daí, você terá condições de fazer uma leitura mais seletiva da mídia, criticar as informações e construir um conhecimento original."

**Ficha de resumo** (resumida, parafrásica, texto adaptado):

Nessa ficha, o leitor não transcreve fielmente a informação obtida. Faz um resumo<sup>18</sup> ou adaptação do texto lido, seja porque não pretende fazer uma citação direta em seu trabalho, seja porque sentiu necessidade de registrar a informação de forma mais elucidativa.

O trecho resumido ou adaptado não vem entre aspas porque é de autoria do próprio pesquisador e não do autor do texto-base.

<sup>18</sup> Cf. LEITE, 2006.

Nessa modalidade de ficha, o leitor deve ser capaz de *selecionar* os dados a serem destacados, *reorganizá-los* e *registrá-los* de forma a que fiquem mais claros para uma consulta posterior.

Como vimos, *selecionar* os dados significa retirar do texto informações consideradas *essenciais* e não acessórias. No caso das fichas de leitura, devem ser respeitados dois focos para se considerar *o que é essencial e o que não é*:

a) o leitor deve perceber o que é essencial *no texto lido* — quais são as informações fundamentais do autor da obra. Ou seja, deve perceber qual é a mensagem principal que o autor pretende transmitir.

b) o leitor deve saber o que é essencial para a realização *de seu próprio trabalho* de pesquisa. Isso só é possível se o leitor tiver um *projeto* próprio.<sup>19</sup>

No exemplo a seguir, o pesquisador destaca as idéias que considera fundamentais no *texto lido* e que possam contribuir *para sua própria pesquisa*.

**Texto lido:** Capítulo: “Condições de argumentação” (capítulo inteiro)

**Texto fichado (ficha de resumo):**

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. “Condições de argumentação”. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. (p. 37-40)

Neste capítulo, o autor apresenta quatro condições para o processo de argumentação:

1ª definir **uma tese** e estabelecer o **problema** para o qual ela é resposta;

2ª ter uma **linguagem comum**, adequada às condições intelectuais e sociais, com o auditório;

<sup>19</sup> Ver, neste volume, Cap. 1; 1.2: “O que é fichamento?”

3ª ter um **contato positivo** com o auditório: cumprir com respeito e humor a proposta apresentada;

4ª agir de **forma ética**, com honestidade, a fim de conferir credibilidade ao discurso.

**Ficha de comentário** (crítica, com destaques):

Nessa ficha, o leitor, além de transcrever ou resumir partes do texto lido, sente necessidade de fazer algum comentário a respeito do texto-fonte. Esse comentário pode ser valioso para seu trabalho final.

**Texto lido:** Capítulo: “Persuadindo as pessoas” (excerto)<sup>20</sup>

**Texto fichado (ficha de comentário):**

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. “Persuadindo as pessoas”. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. (p. 71)

No primeiro parágrafo deste capítulo, o autor apresenta a complexidade do ato de persuadir alguém. Devemos considerar **o que o outro tem a ganhar** ou **o que temos a ganhar** com o texto persuasivo? Esta questão merece ser aprofundada e ilustrada com outras leituras sobre o tema.

**Ficha combinada** (mista), com transcrição, resumo e comentário:

As várias modalidades de ficha de leitura contribuem para o propósito da elaboração de um fichamento completo: *documentar* informações que possam ser *utilizadas* posteriormente.

<sup>20</sup> Ver neste capítulo (3.1; 3) o texto-fonte transcrito e sublinhado.

Nesse sentido, é viável, para compor uma ficha de leitura, fazer um fichamento que combine as modalidades citadas. O próprio texto lido aponta para o tipo de fichamento a ser feito. Em lugar de elaborar variados modelos de fichas, para um mesmo texto, podemos adotar um modelo com informações de vários tipos, como:<sup>21</sup> (1) registro de dados bibliográficos; (2) tema da pesquisa; (3) conteúdo fichado; (4) comentários; (5) observações (no verso da ficha).

**Texto lido:** Capítulo: "Persuadindo as pessoas" (excerto)  
**Texto fichado (ficha combinada):**

Frete:

|  |                  |
|--|------------------|
| (1) ABREU, A. S. <i>A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção. "Persuadindo as pessoas"</i> . Cotia: Ateliê Editorial, 2004. (p. 71-72)   | (2) Argumentação |
| (3) "Vimos, há pouco, que persuadir é conseguir que as pessoas façam alguma coisa que queremos." (p. 71)<br>Segundo o autor, para persuadir alguém de suas idéias, é necessário que eduquemos nossa sensibilidade aos valores do outro.                        |                  |
| (4) O autor apresenta a complexidade do ato de persuadir alguém. Devemos considerar <b>o que o outro tem a ganhar</b> ou <b>o que temos a ganhar</b> com o texto persuasivo? Esta questão merece ser aprofundada e ilustrada com outras leituras sobre o tema. |                  |

Verso:

|  |
|--|
| (5) Data do fichamento:<br>Localização do livro:<br>Proprietário ou depositário da obra:<br>Outras informações que se fizerem necessárias. |
|--|

<sup>21</sup> A numeração dos campos é apenas elucidativa.

### 3.3 3ª ETAPA: PÓS-FICHAMENTO (VERIFICAÇÃO DOS DADOS REGISTRADOS)

Essa fase pode se repetir quantas vezes forem necessárias. Finaliza-se o fichamento com os seguintes procedimentos:

- **leitura** das fichas e reformulações necessárias;
- **arquivamento** das fichas;
- **consulta** e/ou **utilização** das fichas: verificação da eficácia da consulta.

#### RESUMO: etapas e estratégias do fichamento

|  |  |
|--|--|
| 1ª etapa: <b>Pré-fichamento</b><br>Contato inicial com o texto-fonte | Leitura corrida geral.<br>Pesquisa do vocabulário.<br>Leitura com pausas (com trechos sublinhados e/ou anotações no texto).  |
| 2ª etapa: <b>Fichamento</b><br>Registro em fichas:<br>documentação   | Releitura do texto-fonte com registro de informações:<br><b>O que registrar:</b> referência bibliográfica, tema, conteúdo, comentários, observações e anotações complementares.<br><b>Formas de registrar:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• enunciados verbais</li> <li>• itens (esquema)</li> <li>• combinação das duas estratégias acima</li> </ul> <b>Como registrar:</b> modalidades de fichas: <ul style="list-style-type: none"> <li>• de transcrição</li> <li>• de resumo</li> <li>• de comentários</li> <li>• mista</li> </ul> |
| 3ª etapa: <b>Pós-fichamento</b><br>Verificação das fichas            | Revisão, arquivo, consulta e/ou utilização das fichas.   |

# 4

## MODELOS DE FICHAMENTO

- **Texto 1:** “Das histórias de Heródoto”, em *Mar de Histórias*, v. 1, organizada por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai (1978:52-53).

### **1ª etapa: pré-fichamento**

O texto seguinte foi retirado de uma antologia de contos, estruturada em ordem cronológica. Apresenta contos desde a Idade Antiga até o século XX. Antes da reprodução de cada conto, os organizadores fazem breve apresentação do autor e de sua obra. O texto-fonte que nos serve como base para o fichamento tem, portanto, caráter principalmente informativo, com alguns comentários dos organizadores.

Na coluna direita transcrevemos o texto original e na esquerda registramos nossos comentários.

“COMO EM TODA PARTE, na Grécia o gênero épico aparece primeiro sob a forma de versos, e só depois em prosa. As esplêndidas epopéias homéricas representam os começos da literatura grega, ao passo que o romance já é fruto tardio de sua decadência. Os primeiros contos gregos que se conhecem não se mostram, ainda, com as características de gênero autônomo, mas infiltram-se em obras de história, filosofia e ética; mesmo assim, neles já se podem ver os primeiros espécimes do conto moderno.

Heródoto, considerado o pai da historiografia, relata em sua obra o crescimento do poderio persa e seu choque com os Estados gregos. Nascido em Halicarnasso, no séc.V a.C., sob domínio persa, percorreu todas as terras então em poder desse povo: viu a Pérsia, a Média, a Assíria e o Egito, visitou as cidades da Grécia, foi amigo de Péricles e de Sófocles. Com senso artístico e em estilo vivo e atraente conta o que viu e o que ouviu, sem se preocupar em discernir entre história e lenda. Deixa isso a cargo do leitor, talvez por estar convencido de que tudo — fatos, tradições, lendas, anedotas — tem o seu valor para quem deseja conhecer um povo. Assim, conservou mais de uma lenda cheia de legítima poesia. Entre elas, é das mais famosas a história do anel de Polícrates, a qual deve a sua notoriedade

*Neste parágrafo, destacamos as informações principais sobre a gênese do conto moderno, identificadas nos primeiros contos gregos.*

*Descartamos alguns adjetivos, artigos e conectivos do texto original.*

*Este parágrafo é dedicado a Heródoto, escritor considerado um dos precursores do conto moderno pelos autores do volume lido. Assim, mantivemos em destaque as informações essenciais sobre Heródoto e sua obra.*

principalmente à linda balada em que Schiller, grande romântico alemão, a celebrou. A mesma história foi utilizada alegoricamente por Machado de Assis, no conto “O Anel de Polícrates”.

Além do valor literário do motivo, oferece-nos esse trecho curiosa amostra das idéias religiosas de Heródoto. O notável historiador parece ter considerado os deuses da mitologia grega antes criações da imaginação dos poetas do que seres sobre-humanos de existência real. Acreditava, entretanto, numa espécie de vontade suprema, o theion (1): esta observa os homens, recompensa-os e, sobretudo, castiga-os. A queda de grandes impérios, a derrota de reis poderosos, demonstram sua força; pune não só o crime, senão também a insolência, a vaidade e, conforme se verá no conto seguinte, até a felicidade excessiva. Aos olhos de Heródoto, a prosperidade é um crime que se paga bem caro (2).”

Notas dos organizadores:

(1) *theion*: divindade

(2) usamos para a nossa tradução o texto grego da coleção Hachett Heródote, *Morceaux Choisis*, anotado por Tournier e Desrousseaux, Paris, 1904.

*Sublinhamos, neste último parágrafo, alguns traços da narrativa de Heródoto, “O anel de Polícrates”, reproduzida na antologia. Comentários dos autores sobre as idéias religiosas de Heródoto não são destacados porque poderão ser verificados no trecho a ser lido.*

**2ª etapa: fichamento****a) Transcrição textual em forma de resumo**

Frente:

|  |                     |
|--|---------------------|
| FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda e RÓNAI, Paulo (org.). <i>Mar de Histórias</i> : antologia do conto mundial. Das origens à Idade Média. "Das histórias de Heródoto", v. 1, 2. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. (p. 52-53)   | Literatura: o conto |
| Os organizadores fazem uma breve introdução sobre a origem do conto moderno, na Antigüidade grega. Citam Heródoto como um dos precursores do gênero — ainda não com as atuais características completamente estabelecidas, mas já incipientes. Anunciam "O anel de Polícrates" como o texto literário de Heródoto reproduzido desta antologia de contos. |                     |
| Trata-se de edição em nove volumes, que reproduz textos considerados pelos autores como contos, desde a Antigüidade até o século XX. É interessante comparar o conceito de conto desses autores com o de outros estudiosos do gênero, pois se trata de questão polêmica.   |                     |

**b) Transcrição textual com citação direta**

Frente:

|  |                     |
|--|---------------------|
| FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda e RÓNAI, Paulo (org.). <i>Mar de Histórias</i> : antologia do conto mundial. Das origens à Idade Média. "Das histórias de Heródoto", v. 1, 2. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. (p. 52-53) | Literatura: o conto |
| "COMO EM TODA PARTE, na Grécia o gênero épico aparece primeiro sob a forma de versos, e só depois em prosa.  |                     |

As esplêndidas epopéias homéricas representam os começos da literatura grega, ao passo que o romance já é fruto tardio de sua decadência. Os primeiros contos gregos que se conhecem não se mostram, ainda, com as características de gênero autônomo, mas infiltram-se em obras de história, filosofia e ética; mesmo assim, neles já se podem ver os primeiros espécimes do conto moderno." (p. 52)

Trata-se de edição em nove volumes, que reproduz textos considerados pelos autores como contos, desde a Antigüidade até o século XX. É interessante comparar o conceito de conto destes autores com o de outros estudiosos do gênero, pois se trata de questão polêmica.

Verso:

Data do fichamento: 19/06/2006

Proprietário ou depositário da obra: particular, de uso próprio.

Observações: o parágrafo reproduzido foi selecionado para servir como citação futura no trabalho final.

**Texto 2:** "Introdução: importância econômica", em *Árvores brasileiras*: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. v. 1, de Harry Lorenzi (2002:12).

**1ª etapa: pré-fichamento**

Essa introdução é de uma obra essencialmente informativa, um manual — como o próprio subtítulo diz. Há, portanto, muitos e detalhados dados sobre o cultivo de plantas no Brasil. Se transcrevermos todos os nomes citados, corremos o risco de ter como resultado uma cópia mal-feita do original. Procuramos, então, sublinhar as informações mais globais, que dão idéia de conjunto, deixando de lado a maior parte dos pormenores.

À esquerda, transcrevemos excerto do texto original.<sup>22</sup> À direita, nossos comentários.

Muitas espécies da nossa flora são plantas agrícolas de importância econômica, das quais, algumas já cultivadas em vários países do mundo. Entre estas últimas, as mais conhecidas são o cacauieiro, a seringueira, o cajueiro, a goiabeira e o coqueiro-da-bahia. Outras representam importância apenas regional, sendo cultivadas ou exploradas em estado nativo. É o caso da castanha-do-pará, do bacuri-açu, da pupunha, do pequiá, do açaí e do taperebá na Região Amazônica, do babaçu no Maranhão, da carnaúba, do umbu e da mangaba no Nordeste, do pinhão no Sul, do piqui no Brasil Central, do palmito-doce no litoral sul e sudeste do país, etc. Muitas árvores frutíferas nativas ainda não possuem expressão econômica maior, entretanto são amplamente cultivadas em pomares domésticos de todo o país. É o caso da jaboticabeira (*sic*), da guabirobeira, do guabijuzeiro, do cambucezeiro, do butiazeiro, do cambucezeiro, do jenipapeiro, da pitangueira, da grumixameira, do araçazeiro, etc.

A nossa flora é responsável por grande parte da madeira consumida no mundo, cuja exploração trouxe rique-

*Neste parágrafo, destacamos as informações mais genéricas relativas à quantidade (muitas espécies) e à localização das espécies (vários países; importância regional). Deixamos de lado a nomeação das árvores. Se houver necessidade de citação de exemplos, na realização do fichamento ou na redação final do trabalho acadêmico, temos indicações para localizá-los.*

*Novamente, destacamos as informações que dão idéia de conjunto relativas às árvores frutíferas, sem nomeá-las particularmente.*

*Há o destaque da importância econômica, que é a proposta inicial do autor nesta parte do volume.*

*O substantivo coletivo (flora) merece ser salientado como indicativo*

zas e contribuiu decisivamente para a interiorização do desenvolvimento. Todas as regiões já tiveram o seu auge com a exploração da madeira, algumas caracterizadas por uma única espécie importante.

Assim, por exemplo, a região norte de Santa Catarina durante muitas décadas dependeu da exploração da imbuia (Ocotea porosa), as regiões sul e sudoeste do Paraná desenvolveram-se com a exploração do pinheiro (Araucaria angustifolia) e, a região sul da Bahia dependeu durante muito tempo da exploração da famosa madeira do jacarandá (Dalbergia nigra). Outros exemplos podem ser citados, como o da peroba-rosa no norte do Paraná, a peroba-amarela no Espírito Santo, a braúna-parda no sertão da Bahia e, atualmente a exploração da cerejeira em Rondônia e do mogno no sul do Pará.

A tendência cada vez mais evidente da escassez da oferta de madeira para os mais diversos fins tém estimulado o plantio de essências nativas com fins de exploração econômica. Mesmo os plantios com fins ecológicos (áreas de preservação permanente e de reserva florestal obrigatória) poderão no futuro serem exploradas (*sic*) de forma sustentada e

*de grande quantidade, sem a necessidade de detalhamento das espécies arbóreas.*

*Além disso, ao isolarmos a expressão "todas as regiões", também dispensamos o processo de enumeração das mesmas.*

*Como este parágrafo refere-se só a exemplos de árvores exploradas em regiões diversas, podemos destacar alguns deles — com o propósito de citá-los em nosso trabalho — ou, simplesmente, não sublinhar nada. A alternativa é fazer uma anotação à margem da folha, do tipo: Exemplos de árvores exploradas nas diversas regiões do Brasil.*

*A nova informação aqui introduzida na forma de uma dualidade — escassez de madeira e conseqüente estímulo ao plantio de essências nativas — merece ser isolada.*

<sup>22</sup> No original não há recuos marcadores de parágrafos, por nós introduzidos para facilitar nossas explicações na segunda coluna.

|  |  |
|--|--|
| <p>racional, como ocorreu em países mais desenvolvidos na Europa e Estados Unidos, que há muito mais tempo iniciaram a recuperação de suas florestas nativas.</p>  | <p><i>Além disso, um processo alternativo de exploração econômica (com fins ecológicos) é destacado porque vem atrelado ao tema da introdução do texto: importância econômica, da forma como ocorre em outros países.</i></p>  |
| <p>Isto depende, evidentemente da adequação da legislação em vigor, como também ocorreu naqueles países. Aliás, a exploração de madeiras nativas é facultado (sic) nos países desenvolvidos até em Reservas e Parques Nacionais, evidentemente respeitando-se a maturidade das plantas e aspectos técnico-ecológicos.”</p> | <p><i>O autor encerra, neste último parágrafo, o tópico da importância econômica com uma nova reflexão: a adequação da legislação, que é destacada porque, ao mesmo tempo em que é decorrente do parágrafo anterior, é forte justificativa para uma proposta de desenvolvimento econômico.</i></p> |

|  |
|--|
| <p>“Muitas espécies da nossa flora são plantas agrícolas de importância econômica, das quais, algumas já cultivadas em vários países do mundo. [...] Outras representam importância apenas regional, sendo cultivadas ou exploradas em estado nativo. [...] Muitas árvores frutíferas nativas ainda não possuem expressão econômica maior, entretanto são amplamente cultivadas em pomares domésticos de todo o país [...]</p>   |
| <p>A tendência [...] da escassez da oferta de madeira [...] tem estimulado o plantio de essências nativas com fins de exploração econômica. Mesmo os plantios com fins ecológicos (áreas de preservação permanente e de reserva florestal obrigatória) poderão no futuro serem exploradas (sic) de forma sustentada e racional, como ocorreu em países mais desenvolvidos na Europa e Estados Unidos, que há muito mais tempo iniciaram a recuperação de suas florestas nativas.</p> |
| <p>Isto depende, [...] da adequação da legislação em vigor, como [...] ocorreu naqueles países. Aliás, a exploração de madeiras nativas é facultado (sic) nos países desenvolvidos até em Reservas e Parques Nacionais, [...] respeitando-se a maturidade das plantas e aspectos técnico-ecológicos.”</p>  |
| <p>Trata-se de obra em dois volumes, bem documentada (textos e fotos). Apresenta, ao final, vasta bibliografia para os pesquisadores que queiram desenvolver projeto próprio.</p>  |

**2ª etapa: fichamento**

**a) Transcrição textual com supressão de termos e de parágrafo**

Frente:

|   |                      |
|---|----------------------|
| <p>LORENZI, Harri. <i>Árvores brasileiras</i>: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. v. 1, 4. ed. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum, 2002. (p. 12)</p> | <p>Brasil: flora</p> |
|---|----------------------|

**b) Por itens com numeração seqüencial**

Frente:

|   |                      |
|---|----------------------|
| <p>LORENZI, Harri. <i>Árvores brasileiras</i>: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. v. 1, 4. ed. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum, 2002. (p. 12)</p> | <p>Brasil: flora</p> |
|---|----------------------|

**Espécies da nossa flora**

- 1) plantas agrícolas de importância econômica;
- 2) algumas já cultivadas em vários países do mundo;
- 3) mais conhecidas: cacauzeiro, seringueira etc.
- 4) espécies com importância regional: castanha-do-pará, pupunha etc.;
- 5) muitas árvores frutíferas nativas sem expressão econômica maior, mas amplamente cultivadas em pomares domésticos: jabuticabeira, pitangueira etc.

**Exploração da madeira no Brasil**

- 1) flora brasileira: responsável por boa parte da madeira do mundo;
- 2) auge da exploração: todas as regiões já tiveram; N de SC (imbuia); S e SO do PR (pinheiro) etc.

**Legislação brasileira**

- 1) consequência da escassez da madeira: plantio de essências nativas;
- 2) plantio com fins ecológicos: possibilidade dependente da atualização da legislação brasileira.

Trata-se de obra em dois volumes, bem documentada (textos e fotos). Apresenta, ao final, vasta bibliografia para os pesquisadores que queira desenvolver projeto próprio.

Verso:

Data do fichamento: 20/06/2006  
 Proprietário ou depositário da obra: particular, pertencente a Guilherme Weg Fernandez.

**Texto 3:** “Introdução - Visão geral da história da Linguística”, capítulo I, em *Curso de Linguística Geral*, de Saussure (2002:7-8)

**1ª etapa: pré-fichamento**

Destacamos os quatro primeiros parágrafos do texto-fonte (coluna à esquerda), por serem elucidativos para nossos comentários sobre o processo de sublinhar textos (coluna à direita).

A ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu verdadeiro e único objeto.

Começou-se por fazer o que se chamava de “Gramática”. Esse estudo, inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito.

A seguir, apareceu a Filologia. Já em Alexandria havia uma escola “filológica”, mas esse termo se vinculou sobretudo ao movimento criado por Friedrich August Wolf a partir de 1777 e que prossegue até nossos dias. A língua não é o

*No primeiro parágrafo, destacamos a proposta do autor: apresentar as três fases dos estudos da língua.*

*Como se trata de um excerto que se presta à apresentação histórica, cronológica (em três fases) dos estudos da língua, com suas origens temporais e espaciais e seus primeiros pesquisadores, optamos, neste parágrafo, por sublinhar dados que atendam a este propósito: o objeto dos estudos, datas, locais e nomes relevantes da primeira fase (a Gramática).*

*Neste terceiro parágrafo, destacamos as informações relativas à segunda fase dos estudos linguísticos (a Filologia): época e local de origem,*

único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições, etc., em toda a parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda questões lingüísticas, fá-lo sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura. Sem dúvida, essas pesquisas prepararam a Lingüística histórica: os trabalhos de Ritschl acerca de Plauto podem ser chamados lingüísticos; mas nesse domínio a crítica filológica é falha num particular: apega-se muito servilmente à língua escrita e esquece a língua falada; aliás, a Antigüidade grega e latina a absorve quase completamente.

O terceiro período começou quando se descobriu que as línguas podiam ser comparadas entre si. Tal foi a origem da Filologia comparativa ou da "Gramática comparada". Em 1816, numa obra intitulada *Sistema de Conjugação do Sânscrito*, Franz Bopp estudou as relações que unem o sânscrito ao germânico, ao grego, ao latim, etc. Bopp não era o primeiro a assinalar tais afinidades e a admitir que todas essas línguas pertencem a uma única família; isso tinha sido feito antes dele, notadamente

*objeto de estudo e pesquisador pioneiro.*

*Neste quarto parágrafo, destacamos as informações relativas à terceira fase dos estudos lingüísticos (a Filologia Comparativa ou Gramática Comparada).*

*Seguimos, então, a proposta do autor de estrutura do texto: a de trazer à tona informações das três fases dos estudos lingüísticos.*

pelo orientalista inglês W. Jones († 1794); algumas afirmações isoladas, porém, não provam que em 1816 já houvessem sido compreendidas, de modo geral, a significação e a importância dessa verdade. Bopp não tem, pois o mérito da descoberta de que o sânscrito é parente de certos idiomas da Europa e da Ásia, mas foi ele quem compreendeu que as relações entre línguas afins podiam tornar-se matéria duma ciência autônoma. Esclarecer uma língua por meio de outra, explicar as formas duma pelas formas de outra, eis o que não fora ainda feito."

## 2ª etapa: fichamento

### a) Por itens com numeração progressiva

Atenção para o alinhamento dos itens e o paralelismo lingüístico.

Frente:

|  |                   |
|--|-------------------|
| SAUSSURE, Ferdinand. <i>Curso de Lingüística Geral</i> . Organizado por Charles Bally e Albert Secheyay; colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Cultrix, 2002. (p. 7-8)  | Estudos da língua |
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1 Três fases da ciência da língua:             <ol style="list-style-type: none"> <li>1.1 Gramática                 <ol style="list-style-type: none"> <li>1.1.1 Origens: gregos</li> <li>1.1.2 Método: lógica</li> <li>1.1.3 Visão não-científica</li> <li>1.1.4 Objetivo: formular regras</li> <li>1.1.5 Ponto falho: disciplina normativa (ponto de vista estreito)</li> </ol> </li> </ol> </li> </ol> |                   |

- 1.2 Filologia
  - 1.2.1 Origens: Friedrich Wolf (1777)
  - 1.2.2 Objeto: não é só a língua
  - 1.2.3 Objetivo: fixar, interpretar, comentar textos
  - 1.2.4 Método: crítica
  - 1.2.5 Ponto falho: foco predominante na língua escrita
- 1.3 Filologia comparativa: Gramática comparada
  - 1.3.1 Origens: estudos de Franz Bopp (1816)
    - 1.3.1.1 Línguas comparadas entre si
    - 1.3.1.2 Relações entre sânscrito e germânico e outras línguas
    - 1.3.1.3 Compreensão das línguas afins como matéria de ciência autônoma

Como apresentação, o capítulo cumpre o objetivo de mostrar, sucintamente, ao interessado em estudos lingüísticos as diferenças de foco nas pesquisas sobre língua. No entanto, se houver interesse em aprofundar a questão, o pesquisador deve continuar a leitura da obra.

**b) Por itens com combinação de marcadores** (algarismos romanos, algarismos arábicos e letras) e adaptação de excerto do texto-fonte.

Atenção para os recuos dos itens.

Frente:

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye; colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Cultrix, 2002. (p. 7-8)

Estudos da língua

I. Fases do desenvolvimento da ciência da língua:

A) Gramática

1. inaugurada pelos gregos
2. baseada na lógica
3. sem visão científica
4. formula regras
5. disciplina normativa com ponto de vista limitado

B) Filologia

1. movimento criado por Friedrich Wolf (1777)
2. língua não é seu único objeto
3. fixa, interpreta e comenta textos
4. usa método próprio: crítica
5. crítica filológica é falha: prioriza a língua escrita

C) Filologia Comparativa ou Gramática Comparada

1. começou quando se descobriu que as línguas podiam ser comparadas
2. começou com estudos de Franz Bopp (1816):
  - a) estudou relações entre várias línguas
  - b) compreendeu que as relações entre as línguas poderiam ser matéria de uma ciência autônoma.

O texto selecionado é apenas a parte inicial da Introdução da obra. O capítulo cumpre o objetivo de mostrar, sucintamente, ao interessado em estudos lingüísticos as diferenças de foco nas pesquisas sobre língua. No entanto, se houver interesse em aprofundar a questão, o pesquisador deve continuar a leitura da obra.

Verso:

Data do fichamento: 22/06/2006

Proprietário ou depositário da obra: particular, de uso próprio.

Observações: o parágrafo reproduzido foi selecionado para servir como citação futura no trabalho final.

# 5

## FAÇA SEU FICHAMENTO

Apresentamos a seguir algumas sugestões de textos-fonte, com níveis de dificuldade diferentes, que servem para a aplicação dos mecanismos de um fichamento.

Escolha um texto cujo tema seja de seu interesse ou fiche todos eles. Para iniciar seu fichamento tenha à disposição o material necessário.

Após sublinhar as idéias mais relevantes, faça algumas opções quanto à organização das informações nas fichas (fichas de transcrição ou por itens).

Para qualquer modalidade escolhida, verifique o que a estrutura do texto lhe oferece para facilitar o seu registro: as relações entre os conceitos, a hierarquia entre as idéias, o destaque de algumas informações em detrimento de outras.

Destaque as idéias principais e suprima as acessórias, fazendo as indicações adequadas de seu procedimento como: aspas, reticências, linha pontilhada.

Consulte o quadro-resumo das etapas e estratégias do fichamento no final do Capítulo 3.

**Texto 1:** “Texto: enunciado, enunciação”, de Norma DISCINI (2005:29)

O texto é, em princípio, um signo, o que quer dizer que possui um significado, um conteúdo veiculado por meio de uma expressão, que pode ser verbal, visual, entre outros tipos. No texto verbal escrito, temos as idéias expressas em frases encadeadas em parágrafos, os quais, por sua vez, também se encadeiam entre si. No texto visual, temos as idéias expressas num conjunto formado pelas combinações de cores, distribuição de formas, jogos de linhas e volumes, unidades todas encadeadas no espaço da tela, do papel, da madeira etc. Um único texto pode apresentar a união de vários tipos de expressão, como a verbal e a visual. O texto é dito sincrético, se juntar em si dois meios diferentes de expressão. O anúncio publicitário, se unir o verbal e o visual para construir sentido, é um exemplo de texto sincrético.

O texto, seja verbal, visual ou sincrético, não pode entretanto ser visto apenas como signo, união de um veículo significante e de um conteúdo significado. Primeiro, porque tanto o conteúdo como a expressão, constituintes de qualquer signo, supõem cada qual relações internas de sentido. Segundo, porque o próprio texto deve ser considerado situação de comunicação, o que supõe um enunciado em relação com uma enunciação. A enunciação, sempre pressuposta ao enunciado, compreende o sujeito do dizer, que se biparte entre enunciatário, projeção do autor, e enunciatário, projeção do leitor.

Compete ao analista descrever e explicar os mecanismos de construção do sentido, observando as relações dadas no plano do conteúdo e no plano da expressão dos textos, bem como as relações entre um plano e outro. Também compete ao analista observar as relações entre enunciado e enunciação, para recuperar não apenas o que o texto diz, mas o porquê e o como do ato de dizer.

-----

**Texto 2:** “História da Física”, de Ramalho e outros (1998:5-6)

Na Antiguidade, ARISTÓTELES (384-322 a.C.) elaborou um sistema filosófico para a explicação do movimento dos corpos e do mundo físico que o cercava. Para Aristóteles, toda e qualquer matéria era composta de quatro elementos: Terra, Água, Fogo e Ar, e esses elementos tinham posições determinadas no Universo. O lugar natural do Fogo e do Ar era sempre acima do lugar natural da Terra e da Água. Desse modo explicava por que uma pedra e a chuva caem: seus lugares naturais eram a Terra e a Água. Analogamente, a fumaça e o vapor sobem em busca de seus lugares naturais acima da Terra. Aristóteles também elaborou várias outras teorias sobre ciências naturais que foram aceitas até a Renascença.

Ainda na Grécia, menos de um século depois de Aristóteles, um outro grego, ARISTARCO (310-230 a.C.), propôs uma teoria sobre o movimento dos corpos celestes. Teve a idéia de que a Terra e os planetas giravam em torno do Sol, e por isso foi acusado de perturbar o descanso dos deuses e de contradizer as idéias de Aristóteles sobre o movimento celeste. Para Aristóteles, os planetas, o Sol e a Lua giravam em torno da Terra em órbitas circulares e a Terra não se movimentava; esses movimentos não eram regidos pelas leis ordinárias da Física.

Quatro séculos depois da morte de Aristarco, já depois de Cristo, as idéias aristotélicas do movimento celeste foram aperfeiçoadas pelo greco-romano PTOLOMEU (100-170) de Alexandria. Para Ptolômeu, a Terra continuou no centro da esfera celeste e o Sol, a Lua, os planetas e as estrelas continuaram movendo-se ao seu redor.

As idéias de Aristóteles prevaleceram ainda durante muito tempo. Na Renascença, JEAN BURIDAN (1300-1360), grande estudioso e reitor da Universidade de Paris, colocou-se frontalmente contra as teorias de Aristóteles. Suas idéias espalharam-se pela Europa, permitindo que nos séculos seguintes Copérnico e Galileu iniciassem a ciência moderna.

NICOLAU COPÉRNICO (1473-1543) nasceu na Polônia, onde estudou na Universidade de Cracóvia. Esteve na Itália, em várias universidades, onde manteve contato com os cientistas mais notáveis. De volta à Polônia, desenvolveu sua teoria sobre o movimento celeste. Propôs um sistema análogo ao de Aristarco: os planetas e a Terra giram em torno do Sol (sistema heliocêntrico, hélio = Sol). Copérnico localizou corretamente as posições relativas dos planetas conhecidos

e determinou seus períodos de rotação em torno do Sol. O sistema de Copérnico não encontrou apoio de quase ninguém; na época, o sistema de Ptolomeu e as idéias de Aristóteles eram doutrinas estabelecidas tanto na Religião como na Filosofia.

A discussão do movimento dos planetas continuou com GALILEU GALILEI (1564-1642) na Itália. Galileu foi o primeiro grande gênio da ciência moderna e o primeiro homem que observou o céu com um telescópio, aderindo entusiasmamente ao sistema proposto por Copérnico. Condenado pelo tribunal da Inquisição, foi obrigado a renunciar a essas teorias. Além da discussão do movimento planetário, Galileu contribuiu muito para o desenvolvimento da Mecânica, estabelecendo as leis da queda livre de um corpo, e introduziu em Física o método experimental.

JOHANNES KEPLER (1571-1630), astrônomo e matemático alemão, foi contemporâneo de Galileu. Estabeleceu, após 17 anos de árduo trabalho, as três leis básicas do movimento planetário.

ISAAC NEWTON (1642-1727) foi um gênio completo em todos os campos do conhecimento científico de sua época. Partindo das teorias de Galileu e Kepler e dotado de uma capacidade notável de generalização, chegou à lei da GRAVITAÇÃO UNIVERSAL, que discute o tipo de forças de atração de massas. Estabeleceu as leis fundamentais da Dinâmica e deixou trabalhos em várias áreas do conhecimento (Matemática, Mecânica, Calor, Óptica, Astronomia, Filosofia).

Depois de Newton, durante os séculos XVIII e XIX, a Física sofreu avanços notáveis, em especial no domínio da Eletrostática e do Eletromagnetismo: CHARLES AUGUSTIN DE COULOMB (1738-1806) deu grandes contribuições à Eletrostática; MICHEL FARADAY (1791-1867) e JOSEPH HENRY (1797-1879) contribuíram muito para o desenvolvimento do Magnetismo. JAMES CLERK MAXWELL (1831-1879) reuniu os fenômenos magnéticos e eletrostáticos numa teoria geral, de onde nasceu nosso conhecimento de ondas e forças eletromagnéticas.

No século atual, a Física progrediu extraordinariamente, desenvolvendo o conhecimento do universo atômico.

**Texto 3:** “Discurso burocrático”, de Eduardo C. Bittar (2003:247-249)<sup>23</sup>

Entre as modalidades de discurso indicadas como constituintes dos principais traços do exercício textual da juridicidade se alistaram o discurso normativo, o discurso burocrático, o discurso decisório, o discurso científico. A ordem seqüencial com a qual se apresentam esses discursos não é de todo desmotivada, pois, quando se estuda o discurso normativo, sem dúvida se tem presente que se trata do discurso que funda a significação jurídica, onde o legislador desempenha esse papel de *demeiourgós* (do grego, criador) do que é *jurídico* com relação ao que *não é jurídico*, exercendo esse papel de mediador entre o que ainda não é jurídico e aquilo que se torna jurídico. Assim, o estudo do discurso normativo é pressuposto do estudo de todos os demais discursos.

Em seguida a esse estudo, alista-se o do discurso burocrático. Se o método de exposição guardasse em si a opção por um critério hierárquico para considerar, avaliar e alistar os discursos jurídicos entre si, certamente não seria essa a posição que o discurso burocrático apresentaria. Ter-se-ia de apresentar o discurso normativo como fundante da significação jurídica, seguido do discurso decisório, responsável pela individualização e concretização do discurso normativo, e, ainda, em seguida, o discurso científico como uma epistemologia sobre as produções textuais dos dois universos anteriores do discurso jurídico. A opção seria relegar o discurso burocrático para um momento posterior ao da análise dos outros, o que se faria com a quebra da lógica com a qual se estrutura o funcionamento do sistema jurídico. Estar-se-ia mesmo a valorar os discursos de acordo com critérios qualitativos, o que nem sempre garante resultados que se destaquem da pura *dóxa* (do grego, opinião).

Então, o discurso burocrático se coloca nessa posição do *excursus* da reflexão, pois é ele sectário indispensável do discurso normativo, como o é o discurso decisório, com a distinção de que não se trata de um discurso que funda sentidos novos, que cria solução para conflitos, que individualiza o discurso normativo, mas que, de qualquer forma, favorece para que isso ocorra, e, mais, dá suporte para que se alcance a decisão. Sua posição, naturalmente, é a

<sup>23</sup> Os quatro primeiros parágrafos do capítulo 2; 2-2.

de um *textus* posterior com relação ao discurso normativo, mas, ao mesmo tempo, de um *textus* anterior ao discurso decisório, seu papel elocutivo, aliás, possui essa característica, qual seja, a de garantir o procedimento até o aparecimento do discurso decisório, quando se encerra a marcha procedimental, administrativa ou jurídica.

Esta nota explicativa é de todo imperativa para que se compreenda exatamente a seqüência com que se desenrola a reflexão em torno das modalidades de discurso jurídico. No entanto, antes de adentrar a análise do discurso burocrático, sua função, suas injunções, seu relacionamento com os demais discursos, é mister que se defina mais precisamente de que espécie de discurso burocrático se está a tratar.

Com a expressão "discurso burocrático", portanto, não se quer fazer menção senão ao discurso burocrático-jurídico, ou seja, a um universo de discurso preciso que se enquadra dentro do mais amplo universo do discurso jurídico, à exclusão das burocracias empresariais e privadas, que possuem seus procedimentos internos e que se enquadram no contexto maior das burocracias moderna. O discurso burocrático-jurídico sobre o qual se faz debruçar a pesquisa semiótica é o discurso jurídico institucional, aquele que tem o Estado de alguma forma como mediador ou controlador da atividade burocrática, ou seja, onde se operacionalizam relações jurídicas tendo o Estado como protagonista direto ou indireto, como ocorre com os discursos produzidos em cartórios extrajudiciais, cartórios judiciais, repartições de secretarias públicas, ofícios públicos, secretariados de finanças públicas, instâncias administrativas fiscais ou não fiscais...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, ABNT. (2001). NBR-10520:2002: *Informação e documentação: citações em documentos - apresentação de citações em documentos*. Rio de Janeiro: ABNT. (Substitui a NBR 10520:1988.)
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, ABNT. (2002). NBR-6023:2002: *Informação e documentação; referências - elaboração*. Rio de Janeiro: ABNT. (Substitui a NBR 6023:2000.)
- ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. (2006). *Resenha*. São Paulo: Paulistana. [Col. Aprenda a fazer]
- ECO, Umberto. (2004). *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva.
- FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. (1990). *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática.
- GARCIA, Othon Maria. (2001). *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- HOFFBECK, Gerard e WALTER, Jacques. (s/d). *Como tomar notas rapidamente e bem*. São Paulo: Nobel.
- HÜHNE, Leda Miranda (org.). (1995). *Metodologia científica*. São Paulo: Ediouro.
- LEITE, Marli Quadros. (2006). *Resumo*. São Paulo: Paulistana. [Col. Aprenda a fazer]

- MANGUEL, Alberto. (1997). *Uma história da leitura*. Trad.: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras.
- MEDEIROS, João Bosco. (2005). *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 7. ed. São Paulo: Atlas.
- OLIVEIRA, Elizabeth B. R., NEGRINI, J.L.C.A. e LOURENÇO, N.R.P. (1981). Técnicas de decodificação e codificação de texto. *Aulas de redação*. São Paulo: Atual.
- SERAFINI, Maria Teresa. (1996). *Como se faz um trabalho escolar: da escolha do tema à composição do texto*. Lisboa, Portugal: Editorial Presença.
- SERAFINI, Maria Teresa. (s/d). *Saber estudar e aprender*. Lisboa, Portugal: Editorial Presença.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. (2002). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.

## DICIONÁRIOS

- AULETE, Caldas. (1968). *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. 5. ed., Rio de Janeiro: Delta.
- FERREIRA, A. B. H. (org.). (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. (2003). *Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- DICIONÁRIO Larousse Ilustrado da Língua Portuguesa. (2004). São Paulo: Larousse do Brasil.

## FONTES

- ABREU, Antonio Suarez. (2004). *A Arte de Argumentar: Gerenciando Razão e Emoção*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial.
- BITTAR, Eduardo C. B. (2003). *Linguagem jurídica*. 2. ed. São Paulo: Saraiva.
- DISCINI, Norma. (2005). *A comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda e RÓNAI, Paulo (org.). (1978). *Mar de Histórias: antologia do conto mundial. Das origens à Idade Média*. v. 1, 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- LORENZI, Harri. (2002). *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil*. v. 1, 4. ed. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum.
- MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. (2002). *O livro de ouro do universo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ediouro.
- RAMALHO, Francisco e outros. (1988, 2003). *Os fundamentos da Física: Mecânica*. v. 1, 5. ed., 8. ed. São Paulo: Moderna.
- SAUSSURE, Ferdinand. (2002). *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye; colaboração de Albert Riedlinger. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Cultrix.